

## LÁZARO, TAMBÉM ELE SONHAVA COM O ELDORADO

de Jean-Pierre Sarrazac

**Encenação** Fernando Mora Ramos

**Tradução** Regina Guimarães

**Cenografia** José Serrão

**Desenho de som** Francisco Leal

**Iluminação** António Anunção

**Guarda-roupa** Teatro da Rainha

**Interpretação** Carlos Batista, Marta Taveira, João Costa, Fábio Costa, Cibele Maçãs, José Carlos Faria, Henrique Fialho, Carlos Borges, Nuno Machado, Mafalda Taveira, Vítor Duarte, Fernando Rodrigues, Jorge Estreia, António Plácido, Manuel Gil

**Direção de produção** Ana Pereira

**Construção cenográfica** Joel Pereira assistido por António Anunção, Lucas Keating e Sandra Teixeira

**Montagem de luz** António Anunção, Lucas Keating e Sandra Teixeira

**Operação de luz** Lucas Keating

**Montagem de som** Lourisom

**Operação de som** Vicente Castro

**Bancadas** Palco e Bancada

**Ilustração e design gráfico** José Serrão

**Fotografia** Margarida Araújo, Paulo Nuno Silva

**Adereço bola, coroa da estátua da Liberdade e tratamento plástico da cuba** Mariana Sampaio

**Costureira** Aida Pedro

**Comunicação** Cibele Maçãs, Nuno Machado

**Produção executiva e secretariado** Teresa Almeida

**Estagiária de produção** Beatriz Aurélio\*

**Agradecimentos** João Edgar, António Luís Pereira, Nuno Roque – Construções, União de Freguesias de Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório, União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro, Gabinete de Eventos da Câmara Municipal de Caldas da Rainha

\*Estágio em contexto curricular, aluna de Produção de Eventos e Espetáculos da World Academy



# LÁZARO

TAMBÉM ELE  
SONHAVA COM O ELDORADO  
6 A 10 DE JULHO DE 2021 21H30  
PARQUE D. CARLOS I M/G



**O itinerário de um pobre emigrante**, assim se referiu Jean-Pierre Sarrazac (n. 1946) à sua primeira peça publicada. *Lazarre lui aussi rêvait d'eldorado* (1976) surgiu num momento em que o percurso académico do Autor se cruzava com o seu percurso artístico. Dramaturgo e encenador, Sarrazac é igualmente um dos mais relevantes críticos e pensadores de teatro na contemporaneidade. Uma amizade de longa data o liga a Fernando Mora Ramos, que, em 1984, encenou pela primeira vez *Lázaro também ele sonhava com o Eldorado*, já com tradução de Regina Guimarães. O espectáculo que agora se apresenta surge revisto na tradução, aprofundado na complexidade referencial que o texto reflecte e acrescentado de um momento rapsódico especificamente concebido pelo Autor para esta ressurreição em cena.

**O ponto de partida** é *Lazarillo de Tormes*, novela picaresca, de autor anónimo, publicada na Espanha de 1554. Aí foi Sarrazac respigar a personagem central, assim como algum do ambiente tragicómico que dá cor à Via Sacra de um Lázaro que não é apenas o de Tormes. É uma parábola de todos quantos partiram e partem em busca de um Eldorado, fugindo a uma desgraça para encalharem noutra. Sonhar com o Eldorado, neste caso, não resulta apenas em ambicionar uma fortuna esquiva, é um empreendimento para escapar à desventura fintando um

destino de indignância que parece ter sido traçado pelas circunstâncias desfavoráveis em que se nasce condenado. Daí que se fale das estações ou etapas percorridas por este Lázaro como a Via Crúcis do imigrante, o qual podia ser, à época em que a peça foi concebida, um português ou um argelino dos famigerados *bidonville*, como hoje são os náufragos do Mediterrâneo ou a mão-de-obra barata que labora nas estufas alentejanas.

«**Escrever e fazer teatro** é, em larga medida, dar espaço aos possíveis», defendeu o Autor desta peça num dos seus ensaios. Em conformidade, o jogo dos possíveis projectado neste *Lázaro* passa, desde logo, pela forma como se engendram improbabilidades e assumem anacronismos. Só isto explica a presença dos turistas que parecem chegados de um futuro colonizador, como é o dos turistas que se divertem a atirar migalhas às crianças vagabundas nas praças das cidades onde se embriagam, ou a aparição de uma Teresa de Ávila que, como bem lembra Bernard Faivre, foi canonizada três quartos de século depois de Lázaro de Tormes haver nascido.

**O nosso Lázaro** vagabundeia entre um realismo de tipo social e o puro surrealismo onírico, a sua peregrinação não se processa a um só tom. Ele transita do sonho para o delírio, alucina, tem visões místicas, tanto na sua mente como no seu corpo dão-se metamorfoses inusitadas. E Lázaro é, antes de mais, corpo. O próprio Sarrazac o declara: «Lázaro, se os seus companheiros de palco lhe chamam bode-emigrante, é para lhe fazer justiça ao seu ardor e ao seu odor.»

**Metamorfoseado em tritão** por três traficantes oportunistas, o seu corpo acaba exibido num teatro de aberrações à semelhança desses zoológicos humanos ainda activos durante a primeira metade do séc. XX. E se entretanto foram ilegalizados, só por ingenuidade os daríamos por extintos. Que outra coisa chamar aos campos de refugiados que pululam pelo sul de uma Europa muralhada senão um zoológico humano onde mantemos cativos os Lázaros deste tempo? «Carregas com o teu próprio cadáver. Vais ao Eldorado para o embalsamar», assevera o turco desencantado ao siciliano iludido. «Apontam para o futuro com o braço decepado», constata o velho bêbado na terra de ninguém. E destas debilidades colhem proveito Domingo, Pedro e António, o trio de mafiosos extorsionários que sempre neste mundo há para tornar ainda mais miserável a existência dos já miseráveis. «É de ausência de maravilhoso que esta pobre gente sofre», exclama Domingo como um dia terá exclamado Arquimedes ao resolver um dilema apresentado pelo rei Hierão: *Eureka!*

**Afirma o encenador** Fernando Mora Ramos: «*Lázaro também ele sonhava com o Eldorado* foi, para nós, a forma mais acertada de falar de uma questão que se impõe, a todos, europeus e portugueses, como urgência inadiável. Lampedusa é aqui ao lado, as praias do Algarve dão directamente para a tragédia que não cessa. O Mediterrâneo da mitologia grega e outras, anteriores, é hoje um mar de sangue, cemitério em laboração clandestina contínua, para nossa vergonha.»